



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

RELAÇÕES ENTRE RACISMO E ADOECIMENTO MENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE FRANTZ FANON E NEUSA SANTOS SOUZA

Lísia Maria Gama Lima¹; Diego Arthur Lima Pinheiro²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lisiangl@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: dalpinheiro@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Saúde mental; Adoecimento mental; Psicologia; Subjetividade.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa de Iniciação Científica buscou investigar as possíveis relações entre racismo e saúde mental nas obras de pensadores e pensadoras negros da contemporaneidade com destaque nos trabalhos de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza. Esse problema de pesquisa se mostra pertinente devido à necessidade de aprofundamento dos estudos em psicologia acerca do tema, entendendo que a população negra vive iniquidades palpáveis em relação ao acesso a direitos básicos e sofre com os efeitos do racismo no psiquismo, estando a todo tempo tentando viver, para além de sobreviver, em tal sociedade desigual.

Para conduzir a pesquisa, os objetivos específicos compreender os efeitos do racismo nas políticas e práticas de saúde a partir das obras de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza, compreender as relações específicas entre racismo e adoecimento mental a partir dos autores citados, investigar ferramentas que possam intervir nas relações de saúde no diálogo possível entre Fanon e Souza, analisar as estratégias construídas para o enfrentamento dos mecanismos de opressão advindos do racismo, pensar o racismo e saúde mental a partir de uma leitura interseccional de raça, gênero, classe e sexualidade e analisar as possibilidades de considerar o racismo enquanto determinante social de saúde foram aprofundados nesta pesquisa. Para investigar essas relações propostas, foram privilegiadas as obras “Os condenados da terra” (1961/2006) de Frantz Fanon e “Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social” (1983/2021) de Neusa Santos Souza.

Frantz Fanon (1925-1961), filósofo, médico psiquiatra e ativista anticolonial nascido na Martinica, antiga colônia francesa, se dedicou, além de outras perspectivas, aos estudos sobre saúde mental e a constituição da subjetividade dos sujeitos negros (FAUSTINO, OLIVEIRA, 2020). Neusa Santos Souza (1951-2008), psiquiatra e psicanalista brasileira nascida na cidade de Cachoeira, na Bahia, é considerada pioneira nos estudos acerca do sofrimento psíquico do sujeito negro brasileiro a partir da

produção de um discurso do negro sobre o negro acerca da sua emocionalidade e teve seus escritos influenciados por Fanon (DA SILVA, 2020).

Nesse cenário social racista, ao compreender que a saúde mental é determinada por fatores como condições socioeconômicas, biológicas e psicológicas, estresse no trabalho, exclusão social, discriminação, risco de violência e etc. como pensar promoção de saúde sem interrelacionar com racismo, segregação racial e seus efeitos no psiquismo?

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Essa pesquisa foi realizada através do método de revisão bibliográfica, acerca das relações entre racismo e adoecimento mental. Para alcançar os objetivos da presente pesquisa, foram selecionadas duas obras elementares, utilizadas como as principais referências para essa pesquisa, dos autores Frantz Fanon e Neusa Santos Souza. Aliadas a essas obras, a leitura de referências complementares permitiram maior aprofundamento no tema abordado.

Dessa forma, para a seleção do material, foi realizada uma leitura exploratória e seletiva, com o objetivo de avaliar se o material selecionado na busca de fontes contribui para a pesquisa. Em seguida, a leitura analítica e a leitura interpretativa foram realizadas para relacionar as ideias apresentadas nos textos à investigação desta pesquisa (GIL, 2002). Em seguida, as análises e discussões foram construídas para elaborar o Relatório Técnico Final.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

As produções de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza buscam ampliar as investigações no que tange a saúde mental das pessoas negras. Além disso, ambos buscam registrar a saída possível para o sofrimento psíquico decorrente do racismo, isto é, as estratégias possíveis construídas para lidar com as implicações na psique humana decorrentes do escravismo e colonialismo europeu.

Para Fanon em “Os condenados da terra” (1961/2006), o sofrimento psíquico da população negra decorre dos efeitos da colonialidade e somente através da luta pela libertação é que podem se suceder mudanças efetivas. Para o autor, está posto que a violência é a única via possível para a libertação, por essa ser a resposta cabível a esse sistema também violento. É através do processo de luta por libertação que se pode estabelecer uma nova espécie de homem, decolonial, construtora de sua própria subjetividade (FANON, 2006). Neusa Santos Souza em “Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro em ascensão social” (1983/2021) destaca de forma similar que o sujeito negro, através de representações, é animalizado e reduzido à instância biológica, não sendo considerado homem. Além disso, de acordo com a autora os sujeitos negros se constituem a partir de um ideal do ego branco, isto é, irreal e inalcançável, que possui consequências importantes para a vida dos negros e negras.

Como demarca Fanon (2006), a colonialidade está a todo tempo se reinventando e essa adaptação permite que as opressões se mantenham, de diversas formas. Isto é, intencionalmente, mesmo após as mudanças dos sistemas políticos, mantém-se rígidas as formas de opressão dirigidas aos sujeitos dissidentes. Souza (2021) afirma que com o fim da sociedade escravocrata e a implementação da sociedade capitalista no Brasil,

novas reproduções de violências voltadas à população negra se construíram. O racismo e a racialização estabelecidos pelo colonialismo, “fenômeno atualizado e reproduzido incessantemente, enquanto trauma histórico e coletivo” (ZANDOMENICO, 2021, p. 2), não se findam com a independência dos países.

Os efeitos da colonialidade se mantêm devido à perpetuação da violência institucional, ao racismo institucional e também aos discursos racistas acerca do sujeito colonizado, da sua cultura e da sua terra (FANON, 2006). Diante disso, o negro passa a rejeitar isso que se entende como mau e imprestável, desejando, por exemplo, ascender socialmente para abandonar esses discursos sobre si. Nesse sentido, Souza (2021) afirma que para o negro em ascensão social há dois caminhos possíveis: tornar-se negro, que corresponde a tomar consciência e construir uma identidade negra ou sucumbir à tentativa adocedora de vir a ser branco. O que aparece na clínica em psicologia em decorrência dessa tentativa é o “sentimento de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão, afetos e atitudes, [...]” (SOUZA, 2021, p. 116).

Fanon (2006) afirma que o negro sente na pele o racismo. Esse contato invejoso, frágil e enganoso com o sujeito branco faz com que o negro deseje a brancura e se rejeite. Rejeite seus irmãos, seus traços, sua cultura, seu país e assim por diante. Por estar em constante desejar, o negro torna-se agressivo, violento, com complexo de inferioridade devido à forma perversa e violenta com que o colono descreve a sociedade colonizada: como sem valor, impermeável à ética e animalizada (FANON, 2006). Diante disso, é possível destacar: o racismo impacta a vida dos sujeitos negros. Algumas das principais maneiras com as quais o sistema capitalista através, especificamente, do racismo influenciam na subjetividade das pessoas negras foram elencadas brevemente acima.

Nesse sentido, é imprescindível determinar que essa condição subalterna não é dada ou imutável. Mesmo diante das condições precárias de vida e falta de promoção de saúde mental, os sujeitos negros são sujeitos potentes. Entende-se aqui essa potência enquanto capacidade de transformação. Mesmo subjugados como consequência do escravismo e colonialismo europeus, a população negra é capaz de transformar e criar novas possibilidades de vida. Para isso, Fanon (2006) defende que é preciso que ocorra determinada tomada de consciência das relações socioeconômicas para que a desalienação do negro se torne possível. Sendo assim, é importante entender os sujeitos negros como iminente políticos. Dessa forma, entende-se também a máquina colonial enquanto produtora da loucura, do alcoolismo, da delinquência, que aparecem como consequência da colonialidade, não apenas como categorias derivadas de puros conflitos psíquicos, como comumente entende a psicologia. Fanon (2006) afirma que é preciso produzir uma descolonização do sujeito, para que exista para ele outras possibilidades. Assim sendo, a vida do condenado precisa ser política. Politizar, portanto, tem a ver com uma intervenção nos processos de subjetivação que produz um sujeito - individual ou coletivo - (PINHEIRO, 2019).

Sendo assim, ser negro é um “vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (SOUZA, 2021, p. 115). Para se tornar negro, Souza pensa que a participação em movimentos militantes políticos permite que o sujeito negro recupere seu discurso sobre si e construa uma nova identidade, dessa vez independente e própria, não mais constituída pelo ideal do ego branco, absolutamente inalcançável. O papel do psicólogo, enquanto profissional

de saúde, é o de entender o sujeito para além daquilo que a sociedade o determina. Para além das representações de imoralidade, insuficiência, incompetência, etc. porque, como entende Fanon (2006), esses discursos têm a função de escamotear a força e potência que possuem os grupos subjugados, de fato capazes de promover transformações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Frantz Fanon e Neusa Santos Souza, ambos pioneiros em suas respectivas trajetórias, compuseram material essencial para a construção dessa pesquisa a partir de uma perspectiva decolonial da saúde mental, que busca entender através de quais maneiras o racismo é um aspecto que possui influência na vida das pessoas negras. De forma consistente, a colonialidade e seus desdobramentos contemporâneos através do sistema capitalista possuem efeitos sobre a saúde mental das pessoas negras. Derivado disso, as experiências racistas do cotidiano também expressam a estrutura colonial que compõe a sociedade, constitui a subjetividade dos povos e adocece os sujeitos negros.

Dessa forma, essa pesquisa de Iniciação Científica conseguiu estabelecer diversas relações entre racismo e adoecimento mental. Devido às limitações intrínsecas aos limites de possibilidades de pesquisa em Iniciação Científica na graduação, outros aspectos podem ser aprofundados aos resultados alcançados, como explorar o tema do trauma colonial, da alienação colonial e como a psicologia pode, de forma esmiuçada e a partir de determinadas ferramentas, participar desse processo de construção do eterno vir a ser dos sujeitos negros. De toda maneira, essa pesquisa acredita ter construído um trabalho bastante proveitoso, que permite maior compreensão acerca dos efeitos do racismo na subjetividade das pessoas negras e no aprofundamento das relações entre racismo e adoecimento mental, podendo contribuir para o trabalho em psicologia a partir de uma perspectiva ética e antirracista, servindo de construção teórica relevante para a prática psicológica.

REFERÊNCIAS

- DA SILVA, R. F. 2020. A influência do pensamento de Frantz Fanon na produção intelectual negra feminina. *EntreLetras*, v. 11, n. 2, p. 122-150.
- FANON, F. 2006. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- FAUSTINO, D. M.; OLIVEIRA, M. C. 2020. Frantz Fanon e as máscaras brancas da saúde mental: subsídios para uma abordagem psicossocial. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (ABPN)*, v. 12.
- GIL, Antônio Carlos. 2002. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- PINHEIRO, D. A. L. 2019. Projeto de Pesquisa - Poderes de normalização, saberes da norma: formação psi em questão. CONSEPE 117/2019. Feira de Santana: UEFS,
- SOUZA, N. S. 2021. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal.
- ZANDOMENICO, Y. 2021. Modos de descolonizar: o trauma é brasileiro, de Castiel Vitorino Brasileiro. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 54.

